

**“À BEIRA DO PARAÍSO SONHADO”: MEMÓRIA TRANSCULTURAL NO
DIÁRIO DE VENÂNCIO EM A *REPÚBLICA DOS SONHOS*, DE NÉLIDA
PIÑON**

**"ON THE BRINK OF THE DREAMED PARADISE": TRANSCULTURAL
MEMORY IN THE DAILY OF VENÂNCIO IN THE REPUBLIC OF THE DREAMS,
OF NÉLIDA PIÑON**

**"A LA BEIRA DEL PARAÍSO SUEÑO": MEMORIA TRANSCULTURAL EN EL
DIARIO DE VENECIA EN LA REPÚBLICA DE LOS SUEÑOS, DE NÉLIDA PIÑON**

Edimilson Moreira Rodrigues

Graduado em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (2001). Mestrado em Políticas Públicas pela mesma Universidade, com dissertação sobre o PROLER no Maranhão (2008); Doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal Fluminense - UFF-Niteroi-RJ, com tese sobre duas traduções do dom Quixote, de Miguel de Cervantes, para o português (2017); Pós-doutorado em Literatura Espanhola dos Séculos XVI e XVII, com pesquisa no Grupo de Investigación Siglo de Oro - GRISO, da Universidad de Navarra - España (2017).

E-mail: em.rodrigues@ufma.br

RESUMO

“Nova poética da descoberta que, tendo o continente americano como ponto de referência, alarga suas fronteiras para o exercício maior das práticas transculturais e da vivência das relações” (PORTO 2004, p., 76), *A República dos sonhos* traduz “romances em que a arte e o artesanato da narração tecem um fino bordado de camadas superpostas” (BENJAMIN, 1994, p. 203): “mi testimonio es impreciso. Mesclo la cosecha de la memoria con la creación, porque es todo lo que sé hacer” (PIÑON, 2009, p., 09). Discorrer sobre a memória como trânsito de culturas reveladas no diário de Venâncio, lidos por Eulália, é o que objetivamos.

Palavras-chave: Memória. Transculturação. Literatura.

ABSTRACT

"New poetics of the discovery that, having the American continent as a point of reference, widens its borders for the greater exercise of transcultural practices and the experience of relationships" (PORTO 2004, p. 76), *The Republic of Dreams* translates "novels in that the art and craft of narration weave a fine embroidery of overlapping layers" (BENJAMIN 1994: 203): "My testimonium is imprecise. I blend the harvest of memory with creation, because it is all I know how to do" (PIÑON, 2009, p. 09). To discuss memory as the transit of cultures revealed in the diary of Venancio, read by Eulalia, is what we aim at.

Keywords: Memory. Transculturation. Literature.

RESUMEN

"Nueva poética del descubrimiento que, teniendo el continente americano como punto de referencia, ensancha sus fronteras para el ejercicio mayor de la práctica transcultural y de la vivencia de las relaciones" (PORTO 2004, p. 76), La República de los sueños traduce "romances en" que el arte y la artesanía de la narración tejen un fino bordado de capas superpuestas "(BENJAMIN, 1994: 203):" mi testimonio es impreciso. Y en el caso de que se trate de un problema de salud pública. Discurso sobre la memoria como tránsito de culturas reveladas en el diario de Venancio, leídos por Eulália, es lo que objetivamos.

Palabras-clave: La memoria. Transculturación. La literatura.

1 ENFOQUE TEÓRICO

As descrições de Venâncio, em *A República dos sonhos*, estão cheias de “camadas superpostas” (BENJAMIN, 1994, p. 203). Porque a autora mescla memória e criação no diário de Venâncio, como “lugar de memória” e, muito emblematicamente, “lugares funcionais” resultantes do trânsito de culturas registrados pelo personagem no decorrer do século XIX, tendo como cenário a cidade do Rio de Janeiro. Nosso enfoque teórico se pautará, principalmente, na obra de Pierre Nora (1984) – *Leslieux de mémoire – I: La République*, no capítulo III: *Leslieux de mémoire: une utrehistoire*, quanto aos lugares de memória: material, simbólico y funcional. E também, a obra de Fernando Ortiz (2002) – *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*, no segundo capítulo, “Del fenómeno social de la 'transculturación' y de su importancia en Cuba” desde o neologismo “transculturación” para marcar a última fase do processo de migração, que, segundo ele, dá-se dentro do processo de “desculturación” ou “exculturación” seguido a um processo de “aculturación” ou “inculturación”. Essas observações, bem como outras do mesmo capítulo, coadunam com algumas passagens descritas por Venâncio.

Dito isto, nesse enfoque teórico, esclarecemos que,

“La fórmula de “lugares de memoria” fue acuñada por Pierre Nora que distingue tres tipos de lugares de memoria: lugares materiales, como monumentos, museos, archivos, lugares simbólicos, como aniversarios o peregrinaciones, y lugares funcionales, como discurso o libros de texto, en los que un grupo humano se reconoce, ya sea por identificación o por diferenciación” (WINTER, 2006, p., 212).

Além destes lugares de memórias, importa destacar que

“(…) el vocablo *transculturación* expresa mejor las diferentes fases del proceso

transitivo de uma cultura a outra, porque éste no consiste solamente en adquirir una distinta cultura, que es lo que en rigor indica la voz angloamericana *acculturation*, sino que el proceso implica también necesariamente la pérdida o desarraigao de una cultura precedente, lo que pudiera decirse una parcial desculturación, y, además, significa la consiguiente creación de nuevos fenómenos culturales que pudieran denominarse de neoculturación. Al fin, como bien sostiene la escuela de Malikonwski, en todo abrazo de culturas sucede lo que en la cópula genética de los individuos: la criatura siempre tiene algo de ambos progenitores, pero también siempre es distinta de cada uno de los dos” (ORTIZ,2002, p. 260).

Estas são, pois, algumas categorias que nos servirão de base para demonstrar que o romance de Nélide Piñon, nos apresenta características da “Nova poética da descoberta que, tendo o continente americano como ponto de referência, alarga suas fronteiras para o exercício maior das práticas transculturais e da vivência das relações” (PORTO, 2004, p. 181).

Temos como *divisio*, primeiro, discorrer sobre a memória como trânsito de culturas com base nos autores elencados, e por último, em breves palavras, demonstrar como se conectam os locais de memórias, com excertos da obra de Nélide Piñon, pois, traduzindo Nora (1984, p., xxxiv), afirmamos que “estão conectados nos três sentidos da palavra, **material, simbólico e funcional**, mas simultaneamente, em vários graus”, como perceberemos nos exemplos.

2 TRÂNSITO DE CULTURAS EM A REPÚBLICA DOS SONHOS

A integração cultural e o trânsito de culturas são fatos bem marcados nas obras de Nélide Piñon. No diário, Venâncio apresenta memórias intimamente entrelaçadas à transmissão da experiência do âmbito privado à busca de integrá-las na vida social da família Madruga, e, conseqüentemente, na vida social da cidade. Ademais de integrar-se a ela, visto que Venâncio lia todos os jornais da cidade, em especial *O Paiz*. Ansioso por suprir Madruga com notícias que eventualmente lhe faltassem. Para constatar desolado que Madruga o vencera na informação. Em contrapartida, superava-o na leitura dos livros e nos espetáculos do Lyrico Piñon (2002, p. 147).

E a escrita, nessa tríade, do fino bordado cultural de Venâncio, nos revela “lugares de memória material”: o Rio de Janeiro; a leitura de Eulália detentora do discurso é o “lugar de memória funcional”; e, se pensarmos que “a literatura é um monumento literário”, Nélide é possuidora desse lugar de memória simbólica, erigido com palavras, como legado transcultural que ela recebeu de seus antepassados. E que, entre línguas e culturas, nos convida à participar deste banquete de migrantes e exilados, sem repúblicas e sem sonhos:

(...) alguns escravos sedo arrastados em prantos, sob o chicote. Enquanto que outros, com o rosto vidrado, seco, sem lágrimas depressa aprendiam, por meio da escravidão recente, feita de miséria e ignomínia, dos desfalques essenciais que passariam a sofrer a cada minuto. (...) chegavam às pencas, como moscas. Com merdas nos calcanhares e nas bundas feridas (PIÑON, 2002, p. 400).

Nesta descrição, Venâncio nos coloca ante a recuperação da memória histórica da cidade do Rio de Janeiro que coisificava o homem negro, transformando-o em bicho, preocupada apenas com o lado rentável da escravidão. Tal condição social amputava o africano de sua natureza humana e cultural.

Aqueles africanos pagãos deveriam abdicar de sua crença que haviam arrastado consigo, em cinco minutos, de forma a entrarem nos lares cristãos. Proibia-lhes o porte no pescoço de amuletos, a menos que fosse a cruz. O Brasil necessitava de braços dóceis, que murmurassem a ave-maria, quer na lavoura, ao sol do meio-dia, como também no pelourinho, quando abusassem (PIÑON, 2002, p. 401).

Eis o desenho da integração cultural do negro africano no solo brasileiro do século XIX. Esta descrição imagética nos remete a Fernando Ortiz: “Los negros trajeron con sus cuerpos sus espíritus, pero no sus instituciones, ni su instrumental” (Ortiz, 2002, p. 259). Alijamento observado por Venâncio, no primeiro contato com os negros expostos como mercadorias.

Odete encontrava-se entre os negros da fila de frente, os primeiros na lista do leilão. Esguia, de porte altivo, era certamente uma mina aristocrata. Mais elegante que qualquer um de nós. Sua origem, a perder-se no tempo, sobrepujava-nos. Quando chegamos à terra, nossas famílias ainda comiam carne crua, enquanto a sua, na Costa do Marfim, refinara-se na criação de deuses singulares (Piñon, 2002, p. 401).

Estas são as 'Odetes' que descreve Ortiz: “Vinieron negros con multitud de procedencias, razas, lenguajes, culturas, clases, sexos y edades confundidos en los barcos y barracones de la trata y socialmente igualados en un mismo régimen de esclavitud” (ORTIZ, 2002, p. 259). Segundo Venâncio os negros eram um produto do capital que se media como “carga humana”:

Fediam a ponto de afugentar as autoridades aduaneiras, (...) se dava a separação dos negros por sexo. (...) Cada qual para um destino, nunca mais voltando-se a se ver, tão logo se efetivasse a transação. Mas eles, de facto, pressentindo neste pungente momento, que começava a morte espiritual de sua raça? (PIÑON, 2002, p. 401).

Nesta cena de esperpento, observamos o papel social dos negros, como denunciada pelo antropólogo cubano, ao demonstrar que o trânsito de culturas se dava quando os africanos chegavam na América. “Llegaron arrancados, heridos y trozados como las cãnasen el ingenio y como éstas fueron molidos y estrujados para sacarles su jugo de trabajo” (Ortiz, 2002, p. 259).

Nesta obra, percebemos o conceito de escritura similar ao de exílio. Pois, como os negros que aqui aportaram, a escrita também se apresenta como eles; quase a contrabando, o texto é resultado de apropriações, ideias, palavras e pensamentos de outros textos e culturas. Irmanados pela mesma vocação: escrever e descrever o que está fora de lugar.

El concepto de *exilio*, al igual que el de escritura, está relacionado con las figuras de separación, ausencia y memoria. En la *escritura*, el signo textual se refiere siempre a otro signo en un proceso *sinfin* en el que el significado nunca puede terminar de estar del todo presente. El signo textual, siempre fuera de sí, en constante *exilio*, sufre la misma dislocación que experimenta el sujeto desterrado” (MARÍA ETELA HARRETCHE em MARISCAL E MARISCAL, 2007, p. 513).

Porque *A República* nasce desse caudal da migração: *dos sonhos*, pois, “una “literatura del exilio” y textos que se atribuyen a una “literatura de la migración” focalizan aspectos muy diferentes – aunque nazcan de una misma experiencia” (CABALLÉ, 2004, p.15). Nessa estrutura narrativa, há, pois, Venâncio que descreve o negro exilado do seu lugar de memória, e a leitora, Eulália, que, em sua reminiscência, recorda o imigrante desterrado de sua aldeia.

Quando Venâncio sorria, (...) O mesmo sorriso com que desembarcou no Rio de Janeiro, decidido a pisar a terra com o pé esquerdo. Deste modo recusando-se a aderir às superstições de Madrugá. Bastava-lhe o peso das lendas e das fantasias da sua aldeia espanhola, que abandonou para sempre, desde que o navio se foi afastando de Vigo Piñon (2002, p. 125).

Daí o desenho topográfico do saber imaginário e histórico que constitui a identidade e o pertencimento do homem brasileiro. Via itinerário – que percorreu o imigrante–denunciado nesta escrita, centrando sua preocupação com o destino do Brasil. Usamos a descrição de Eulália sobre Venâncio, para dizermos, Nélide, tal qual Venâncio é um homem bom, preocupa-se em excesso com o mundo, esquecendo-se dele mesmo. Sobretudo preocupa-se com o Brasil (PIÑON, 2002, p. 414).

As palavras de Venâncio, em tom épico, sobre os fatos da cidade do Rio de Janeiro, se integram ao tecido memorialístico que, por sua parte, parecem estritamente individuais. Mas que, concatena à leitura que insere Eulália no ciclo vital dessas vidas que se fundem no mar da narração, dando ao leitor a dimensão desse ato mítico plural concatenado à Guanabara, às ruas, ao mercado, às praças e avenidas, ou seja, à vida cidadina do Rio de Janeiro fotografada com as cores que ela possui e não colorida com o melhoramento de quem a registra, como faz Rugendas quando pinta o escravo.

Desconfio que Rugendas não trabalha movido pelo ideal artístico. (...) Não há naqueles rostos traços de tensão ou inconformidade. Rugendas quer à força

apaziguar o Brasil. Inculcar-lhe orgulho pela maneira como lidam com os escravos. A seu ver exemplarmente bem trados. Como se não houvesse pelourinho, capitães-do-mato e bárbaros crimes (PIÑON, 2002, p. 399).

Venâncio faz descrições míticas desta urbe, ao fotografá-la com as mesmas cores que ainda hoje escorrem nos 'cartões postais', na mídia que a coloca à venda como “cidade maravilhosa”.

A cidade é de rara beleza. Vista do Outeiro da Glória, destacam-se os sobrados, o passeio público, que se debruça sobre a baía, e o Morro do Cão, à distância. Sob a vigilância, de um lado, do Mosteiro de São Bento, cujo cantochão ressoa até o povo, imerso este na luxúria. Enquanto o Mosteiro de Santo Antônio localiza-se do outro costado. Sempre em destaque a Baía de Guanabara. De esplêndidas águas, em cujo espelho reflecte-se a história desta urbe. As águas debatem-se mansamente contra a mureta baixa, sem pretensões de defender a cidade (PIÑON, 2002, p. 398).

E estas são as pretensões de Venâncio, 'movido pelo ideal artístico', ao descrever suas reminiscências, como trânsito de culturas reveladas no diário, lido por Eulália. Declara Venâncio que desde sempre, a cidade, como a 'mureta baixa', está aberta à recepção de todos: “Con los blancos llegó la cultura de Castilla y envueltos en ella vinieron andaluces, portugueses, gallegos, vascos y catalanes” (ORTIZ, 2002, p. 257), para Cuba e todo o continente americano, inclusive o Brasil de Venâncio. Pois, “El concepto de *transculturación* es cardinal y elementalmente indispensable para comprender la historia (...) y, por analógicas razones, la de toda la América” (ORTIZ, 2002, p. 260).

O diário apresenta aportes que podem ser estudados como literatura de migração, pois nasce da mesma experiência – “siempre fuera de sí, en constante *exilio*, sufre la misma dislocación que experimenta el sujeto desterrado”, desde a Espanha: Galícia e Vigo; Portugal, África, até o solo brasileiro: Rio de Janeiro, como lugares de memórias registrados pelo personagem. “Era sabido que o desembarque constituía-se um espetáculo degradante. (...) Pois onde quer que fossem pôr os pés, este lugar sombrio, cheio de látegos e gritos lancinantes, se converteria em seu desolado lar” (PIÑON, 2002, p. 400). Desolado lar só para os africanos, pois para os brancos oriundos da Espanha, o país se convertia em harmonioso lar.

O horizonte identitário desta nação brasileira foi construído com sangue e força do escravo trasladado para estas terras, com os mesmos “desfalques essenciais”: “En tales condiciones de desgarre y amputación social, desde continentes ultraoceánicos, años tras años y siglo tras siglo” (ORTIZ, 2002, p. 259).

Foram violentos os contatos entre colonizadores e colonizados, revelando “una

'metáfora' de la história (conflictiva) de lanación” brasileira, como bem demonstra o diário de Venâncio...

“Os espanhóis na América foram tidos como colonizadores mais cruéis que os portugueses. Os excessos portugueses se diluindo por terem eles se metido, com obstinada volúpia, pelas vaginas e os ânus autóctones. Desta forma democratizaram a cópula, a sensualidade, e propiciaram ainda o aparecimento de novas misturas raciais. E assim havendo instaurado um império genital, conquanto logrado pelos cérebros e os sexos molhados de terror” (PIÑON, 2002, p. 409).

Desse momento violento e brutal, para os colonizados, principalmente, o sociólogo Ortiz (2002) defendeu a teoria de que toda cultura é resultado de processos contínuos de transculturação. Tais contatos provocou aos escritores, melhor, a muitas escritoras como Nélide, uma nova postura diante da realidade, tendo a literatura como lugar dessas memórias que se ajustam ao tecido maior da sociedade, da história e da arte. Pois, literatura e história não lidam com objetos de estudos diferentes, lidam com o mesmo objeto de modo diferente: a palavra. A qual se revela na tessitura feminina: Eulália leitora, aquela que dá o timbre, a voz; Nélide escritora que contorna a modalidade da voz, com sua liberdade conquistada no manto do texto:

“(...) a las mujeres su libertad creadora no les ha sido concedida de entrada sino que han debido conquistarla palmo a palmo, palabra a palabra. El ejercicio de esa libertad las ha colocado muy a menudo en situaciones insostenibles, incluso trágicas, porque le han obtenido yendo en contra de la inercia de las estructuras sociales, de una tradición literaria que no las tenía en cuenta” (CABALLÉ, 2004, p. 09).

Nesta obra, o trânsito de culturas não ocorre apenas nas entranhas do texto, mas na sociologia do processo de escrita como exercício de liberdade, em cuja “alma da pátria” é filtrado o lado mais cruel e sangrento da época moderna; quando, pela primeira vez, se encontraram colonizados e colonizadores, famélicos, estes últimos, da “seiva americana”. “Luego un huracán de cultura; es Europa. Llegaron juntos y en tropel el hierro, la pólvora, el caballo, el toro, la rueda, la vela, la brújula, la moneda, el salario, la letra, la imprenta, el libro, el señor, el rey, la iglesia, el banquero...”(ORTIZ, 2002, pp. 256, 257).

Façamos nossas as palavras de José de Alencar em Teles (1986, p. 232): quando diz que a literatura “outra coisa não é senão a alma da pátria, que transmigrou para este solo virgem com uma raça ilustre, aqui se impregnou da seiva americana desta terra que lhe serviu de regaço, e cada dia se enriquece ao contato de outros povos e ao influxo da civilização”; sem esquecermos que “Europa fue Mundo Novísimo para los pueblos americanos. Fueron dos mundos que recíprocamente se descubrieron y entrechocaron. El contacto de las dos culturas fue terrible. Una de ellas pareció, casi totalmente, como fulminada” (ORTIZ, 2002, pp. 256,

257).

2.1 “Escravos, inclusive, de memórias deixadas atrás”

Venâncio demonstra, pela descrição imagética de seu diário, o tesouro poético que se esconde na vida cotidiana do Rio de Janeiro do século XIX, por via de uma descrição pictórica. Tais assertivas lembram “La teoría que iguala poesía y pintura descansa asimismo en la supremacía del sentido visual; tanto el poeta como el pintor piensan en imágenes visuales que el uno expresa poéticamente y el otro pictóricamente” (YATES, 2005, p. 48.). Afirmamos que Venâncio pensa em imagens e as ornamenta com palavras: “Assim, após a mesa farta, as elevadas postas de bacalhau, os exasperantes assados, aguardava-os a boa foda” (PIÑON, 2002, p. 403). A arte possibilita o reconhecimento de serem ambos estrangeiros, quando Rugendas se “expresapictóricamente” e Venâncio, “poéticamente”:

De repente, demo-nos conta, inclusive Rugendas, que a estava retratando [Odete], que não passávamos de estrangeiros no Brasil. Em igualdade, pois, de condição com Odete. Escravos, inclusive, de memórias deixadas atrás. Formávamos em torno a Odete, ali na cozinha, um contingente que vencera as tormentas e os abismos do Atlântico, com o propósito de chegar ao Brasil e formá-lo, de alterar-lhe o perfil, de enriquecê-lo com o sangue, a cultura e a debilidade inerentes a todos nós (PIÑON, 2002, p. 404).

Venâncio demonstra o sentimento do bem e da beleza – se humaniza pelo belo – que emanam das pessoas, sem os quais, seria insuportável para ele viver nesta cidade. O expatriado, quase sem nome e sem história, buscando o único lugar seguro donde pode permanecer, o diário, corpo e morada da escrita, porto seguro.

“Uma mulher me convidou para a cama. Passa-me o preço e suas práticas amorosas, que me farão feliz. Sigo adiante, levado por uma volúpia lerda e morna. A América vai-me tomando devagar. Rouba-me a última porção épica que almejei um dia exhibir. Começo a ser uma personagem sem história e sem livro. Sem um folheto ao menos que fale de mim.” (PIÑON, 2002, p. 399).

É através do ato libertário da escrita que ele se insere na vida e na cultura, pensando em imagens que o traduzem pela condição de homem sem referência, um expatriado. Pois, “(...) los exiliados viven en la ilusión de regresar algún día y de encontrar un mundo mejor en su patria, los expatriados crean esse mundo mejor que son los recuerdos difusos del pasado en sus sueños y en la ficción” (MERTZ-BAUMGARTNER, 2005, p. 152).

É o diário de Venâncio, seu lugar de memória, sua pátria, condicionada por uma volúpia - escrever é ser resgatado do esquecimento. Doando-se à escrita, ele recebe sua

porção de inserção no mundo e na vida dos que “piensan en imágenes visuales”. Inverte, pela sua escrita memorialística, sua condição de homem à margem, e se centra no poder da escrita e em sua reflexão, como ato libertário: “As palavras que por ventura me alcançam lentamente perdem o carácter estrangeiro, habituo-me a elas” (PIÑON, 2002, p. 399).

O diário funciona assim, como algo que o sustenta a viver para narrar, ou narrar para viver os acontecimentos através da escritura, igualada a algo similar ao seu exílio. Desenvolvendo no ato de criação, uma atividade que o traduza como ser desterrado que tenta entender a cidade por outro elemento também de desterro – a escrita. Por traduzir exílio e escrita a todo o momento, em forma de quadros alegóricos, ao demonstrar o cotidiano das pessoas, também desterradas, o seu *modus operandus*: no tecido da cidade e na cidade que tece o homem de outra pátria. Assim, dizemos que a memória de Venâncio, revela um pacto entre escrever e não esquecer, pois denuncia a situação em que estavam “assujeitados” os negros do Rio daquela época.

No diário de Venâncio observamos uma preocupação sobre o contínuo histórico, sujeito às leis de transformações que eram impostas à sociedade na qual Eulália, Venâncio e Madruga se encontravam absorvidos.

As tradições, sob a ótica de Venâncio, continuaram a ser observadas como testemunho vivo do passado, mas passaram a ser perscrutadas com olhar do noviço que tenta entendê-la, buscando os eixos do processo evolutivo da sociedade carioca daquele período, pelo que ela tem de mais enigmático: o patrimônio. Sob a ótica de Venâncio é possível conhecer a nação e afirmá-la politicamente àquela época, pois, como registrada, permitia ao estrangeiro uma ascensão aos grandes postos, pelas únicas vias seguras, a compra e venda de escravos e o esbulho da terra à busca de mercadorias: “E aquele era um país especial. Tudo ali apregoado ultrapassava de muito a imaginação humana” Piñon (2002, p., 407).

O habitante é escravo, também, de memórias que se perderiam na história, não fosse o exercício da escrita de Venâncio. Pois, os que chegam declaram que “Ali estávamos à beira do paraíso sonhado” (PIÑON, p. 388), e que seus habitantes “por pouco se declaravam favoráveis a uma invasão estrangeira” (PIÑON, 2002, p. 390).

3 LUGARES DE MEMÓRIAS EM A REPÚBLICA DOS SONHOS

Pelo que declaramos no “enfoque teórico”, aqui vamos tratar sobre “lugares de

memórias” como idealizou Nora (1984). Seleccionamos algumas passagens do diário para demonstrar, pedagogicamente, alguns desses lugares descritos por Venâncio.

No entanto, é também de bom tom, demonstrar de onde surge o lugar de memória; Francis Yates (2005) nos recorda que,

“En un banquete que daba un noble de Tesalia llamado Scopas, el poeta Simónides de Ceos cantó un poema en honor de su huésped, en el que incluía un pasaje en elogio de Cástor y Pólux. Scopas dijo mezquinamente al poeta que él sólo le pagaría la mitad de la cantidad acordada y que debería obtener el resto de los dioses gemelos a quienes había dedicado la mitad del poema. Poco después se le entregó a Simónides el mensaje de que dos jóvenes le estaban esperando fuera y querían verle. Se levantó del banquete y salió al exterior, pero no logró hallar a nadie. Durante su ausencia se desplomó el tejado de la sala de banquete aplastando y dejando, bajo las ruinas, muertos Scopas y los invitados; tan destrozados quedaron los cadáveres que los parientes que llegaron a recogerlos para su enterramiento fueron incapaces de identificarlos. Pero Simónides recordaba los lugares que habían estado sentados a la mesa y fue, por ello, capaz de identificar a los parientes cuáles eran sus muertos. Los invisibles visitantes, Cástor y Pólux, le habían pagado hermosamente su parte en el panegírico sacando a Simónides fuera del banquete momentos antes del derrumbamiento. Y esta experiencia sugirió al poeta los principios del arte de la memoria del que se le considero inventor. Reparando en que fue mediante su recuerdo de los lugares en los que habían estado sentados los invitados como fue capaz de identificar los cuerpos, cayó en la cuenta de que una disposición ordenada es esencial para una buena memoria” (YATES, 2005, p. 17).

É forçoso dizermos que a escritora Nélide, bem como muitos romancistas, também trabalham com a “arte da memória” recordando ao leitor 'os locais' onde o homem de determinada época e sociedade se encontrava; como este emblema de lugar de memória material: Nos primeiros dias vagueei a esmo pelo largo do Paço, as ruas Direita, Sabão, São Pedro e Rosário. Madrugada assumira as providências práticas, enquanto Eulália cerzia-nos a roupa e embelezava a nova casa (PIÑON, 2002, p. 389).

Nas descrições dos lugares de memórias os escritores realizam “una nostálgica búsqueda de la pátria perdida” (CORTÁZAR, 1978, p. 63). São os escritores, capazes de localizar e identificar onde e como atuavam os homens de determinado tempo histórico, numa determinada “mesa redonda” ou, retangular, postas no cenário das urbes.

E eles, os poetas, como Ceos, são os que cantam a nós, leitores hóspedes de suas obras, seus poemas, sem a pretensão de denúncia, mas delatando, sutilmente, personagens e momentos históricos, pelo poder das metáforas; principalmente, pelos variados “lugares de memórias”. Como aduz Sáenz (2006, p. 19) “Nélide Piñon alberga sospechas sobre la memoria tal y como nos ha sido heredada”. Sáenz nos lembra, no prólogo de *La seducción de la memoria*, algo que é similar a estas em *A Republica dos sonhos*: “la historia es la narración de lo que es memorable en sus dos acepciones: lo que vale la pena ser memorable y lo que

permite ser recordado” (SÁENZ, 2006, p. 19), como nestes dois exemplos de **lugares de memória funcional**:

a) Nas ruas, nota-se a influência da educação lusitana. Capistrano, aliás, assinala que esta educação “reduzia-se a expungir a vivacidade e a espontaneidade da alma dos pupilos” (PINÕN, 2002, p. 4120);

b) Não se deve esquecer que até 1823 as línguas indígenas exprimiam sentimentos e necessidades fundamentais ao longo de todo o território nacional. O Brasil falava também o tupi e outras línguas tribais, salvo na orla marítima. Assim dando a impressão de que o português ainda não fora suficientemente consolidado (PINÕN, 2002, p. 413).

Aqui, o que vale a pena ser recordado é a arte da escrita que, por sua vez, nos remete ao que é memorável pela denúncia sutil: “uma vez que este continente, duro e sedutor, vencido e vencedor ao mesmo tempo, exigia dos seus habitantes o descalabro, a arrogância, a coragem de reivindicar uma vida” (PINÕN, 2002, p. 144). Só porque muitos Scopas aqui aportaram e, se banquetearam, sempre pensando que - “Era hora de voltar a escavar as terras brasileiras, em busca de tesouros. Sempre teve certeza de encontrá-los” (PINÕN, 2002, p. 106).

Lendo a obra de Nélida observamos que a memória da nação está presente por todos os lados, demarcando de sinais o quotidiano das pessoas, como demonstramos nestes dois exemplos de **lugares de memória simbólica**:

a) Talvez se possa afirmar que graças à Assembleia Constituinte de 1823, os laços desatados da língua formosa finalmente amarravam-se. Esta língua de veio luso, que ora se escuta nas ruas e nas casas. Não é certo que a língua antecipa-se às denúncias de uma realidade em constante evolução? (PINÕN, 2002, p. 412);

b) Pouco faltou para a Baía de Guanabara ser chamada de Santa Luzia. Em homenagem a Fernão Magalhães, que aqui apostou (SIC), pelos idos do século XVI, justo no dia desta santa, 13 de Dezembro, padroeira dos homens do mar. Uma santa que atende ao mesmo tempo aos marujos e aos aflitos com a vista (PINÕN, 2002, p. 408).

Dito isto, afirmamos que o lugar onde se torna imperioso procurar essa memória e encontrar essas pessoas é, sem dúvida, a literatura de migração. Pois se estamos falando de lugares de memória, estamos diretamente mencionando a memória social, uma prática que requer seres sociais, como sujeitos de memórias, imigrantes e migrantes, mas também, artefatos de memórias resultantes de **lugares de memória material**, tais como:

a) A Biblioteca Real de Lisboa, trazida ao Brasil na vultosa bagagem de Dom João VI, em meio às faianças, o azeite e o bacalhau, constituiu-se um inestimável tesouro. Destinado infelizmente a escassos leitores (PIÑON, 2002, p. 391);

b) (...) tudo confluindo para a administração pública. Com isso expulsando as inteligências instigantes e vivazes do governo. Perdendo-se elas, pois, no ensino do português, do latim, do grego, em educandário público. De preferência no colégio Pedro II, recentemente inaugurado (Piñon, 2002, pp. 412, 413).

4CONCLUSÃO

Memória, transculturação e literatura de migração foram as palavras que nos moveram a falar desta obra de Nélide Piñon através do tesouro poético de Venâncio narrado em linhas de prosa. A memória que tematiza esta obra de Nélide, é uma memória contextualizada. Recordamos e reconhecemos a memória de um Brasil escravocrata com uma linguagem adaptada ao contexto dos seus primeiros estrangeiros. Pois, “Lo que recordamos es más una cuestión de construcción que una cuestión de mera reproducción (...) Todo el proceso es inconsciente” (BARTELLET, 1995. p. 273). Nélide usa a memória para falar de sujeitos e espaços: memória de lugares, memória de sujeitos, resultando em memória imagética; uma para representar a cidade do Rio de Janeiro, e, por extensão, o Brasil, a outra para fluir o prazer de suas reminiscências através da palavra que confirma: *A República dos sonhos* transforma a memória idiossincrática em memória cultural.

REFERÊNCIAS

ABELLÁN, José Luis. **El exilio como constante y como categoría**. Biblioteca Nueva, Madrid, 2001.

BARTELLET, Frederick. **Recordar** – estudios de psicología experimental y social. Madrid, Alianza, 1995.

BENEDITTI, Mario. **Subdesarrollo y letras de osadía**. Madrid, Alianza, 1987.

_____. **El desexilio y otras conjeturas**. Madrid, Ediciones El País, 1984.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e técnica, Arte e Política**. Rio de Janeiro,

Brasiliense, 1994.

BUESCU, Helena, e FERRÉ, Pedro. **Memória e Cidadania na literatura Tradicional Peninsular**. Caleidoscópio, Portugal, 2011.

CABALLÉ, Anna. **La vida escrita por mujeres**, I – Lo mío es escribir. Barcelona, Lumen, 2004.

CORTÁZAR, Júlio. **América latina: exílio y literatura**. 1978.

FETRES, J., WICKHAM, C. **Memoria social**, Valencia, Cátedra de València, 2003.

GARCÍA, Gabriel. **Los exilados**. Asunción, El Lector, 1997.

GENNARI, Mario. **La educación estética arte y literatura**. Barcelona, Buenos Aires, México, Paidós, 1993.

HERKEN, Juan Carlos. **El mercader de ilusiones**. Asunción, El lector, 1995.

MERTZ-BAUMGARTNER, Birgit y Erna Pfeiffer. **Aves de Paso**-Autores latinoamericanos entre exilio y transculturación (1970-2002). Iberoamericana, Vervuert, Frankfurt, Madrid, 2005.

NORRA, Pierre. **Les lieux de mémoire**. Paris, Gallimard, V. I, 1984.

OLARZIREGI, Mari Jose. RIEV **Revista Internacional de los Estudios Bascos** n. 08. Navarra, 2011.

ORTIZ, Fernando. **Contrapuneteo cubano del tabaco y el azúcar**. Edición de Enrico Mario Santí, Cátedra Letras Hispánica, no. 528, Madrid, 2002.

PIÑON, Nélida. **A República dos Sonhos**. Portugal, Presença, 2002.

_____. **A República dos Sonhos**. Rio de Janeiro, Record, 2005.

_____. **Corazónandariego**. Madrid, Alfaguara, 2009.

PROENÇA, Maria Cândida in Helena Buescu y Pedro Ferré. **Memoria e Cidadania na literatura Tradicional Peninsular**. Caleidoscópio, Portugal, 2011 p. 0

RUIZ VARGAS, J. Maria. **Manual de psicología de la Memoria**, Madrid, Síntesis, 2010.

SANTIGAO, Juan-Navarro y TORRES-POU, Juan. **Memoria histórica género e interdisciplinariedad** – los estudios culturales hispánicos em el siglo XXI. Madrid, Biblioteca Nueva, 2008.

SEIXAS, Xosé M. Nunes. **Las pátrias ausentes: estudios sobre historia y memoria de la migraciones Ibéricas (1830-1960)** Genuève Ediciones, España, 2014.

WINTER, Ulrich. **Lugares de memoria de la Guerra Civil y el franquismo – representaciones literarias y visuales.** Iberoamericana, Vervuert, Madrid, Frankfurt, 2006.

YATES, A. Frances. **El arte de la memoria.** Traducción de Ignacio Gómez de Liaño. Ediciones Siruela, Madrid, 2005.

